



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANDREA GORFIN VIANA

**A MÚSICA COMO FACILITADORA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS**

Orientadora: Professora Dr^a Ana Paula de Abreu Costa de Moura

**Rio de Janeiro
Outubro de 2016**



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**A MÚSICA COMO FACILITADORA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS**

ANDREA GORFIN VIANA

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da
UFRJ como requisito parcial à obtenção de título de
licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a Ana Paula de Abreu Costa de Moura

**Rio de Janeiro
Outubro de 2016**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A MÚSICA COMO FACILITADORA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS

ANDREA GORFIN VIANA

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial à obtenção do título de
licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Ana Paula de Abreu Costa de Moura

Profº Drª Elaine Constant

Profº Dr Reuber Gerbassi Scofano

Rio de Janeiro, outubro de 2016

Dedicatória

Dedico esta pesquisa a todos que se interessam em criar meios mais lúdicos e agradáveis para que a aprendizagem e inserção das nossas crianças no mundo letrado ocorra da melhor maneira possível, despertando o interesse pela leitura e escrita e reduzindo as dificuldades existentes neste processo.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, primordialmente, por me dar condições de estar neste caminho.

Agradeço ao meu marido por todo apoio que me deu e incentivos para buscar o que eu gostava.

À minha filha por ter sido o motivo maior de busca deste caminho e por toda troca de conhecimento.

Aos meus pais pelo incentivo, compreensão e auxílio sempre que precisei.

Aos professores deste curso que em muito contribuíram para a minha formação, através das cobranças e incentivos e por partilharem de seus vastos conhecimentos.

E aos colegas por tornarem esta caminhada mais prazerosa e divertida.

*“ Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças,
É a vida, é bonita
E é bonita.
Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz,
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz.”
(Gonzaguinha)*

RESUMO

VIANA, Andrea Gorfin. A música como facilitadora no processo de alfabetização de crianças. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Faculdade de Educação (FE), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

O presente trabalho monográfico apresenta um estudo sobre as contribuições da música para o processo de ensino-aprendizagem e traz como objetivo investigar como a música pode atuar como facilitadora no processo de aprendizagem durante a alfabetização das crianças. Para a construção do trabalho utilizamos como opção metodológica o estudo bibliográfico, dialogando com autores que falam sobre o processo de alfabetização no Brasil como Soares (2001), Carvalho (2005) e Mortatti (2012), além de autores que relatam os benefícios da música para o ser humano como Brécia (2003) e Weigel (1988). Traz ainda autores que mencionam a importância do trabalho com a música para o desenvolvimento integral da criança, auxiliando de diversas formas a aprendizagem como Barreto e Chiarelli (2011), Barreto (2000), Mársico (1982), Avellar (1995) e Lima (2003). Ao analisarmos os trabalhos dos autores citados, concluímos que a música pode trazer inúmeras contribuições, auxiliando o desenvolvimento de habilidades necessárias para o processo da alfabetização e se apresentando como um elemento de motivação e interesse para que este processo ocorra de forma mais agradável para as crianças e professores. Pretendemos, com este estudo, contribuir para que a alfabetização em nosso país possa ocorrer de forma mais fácil e interessante para nossos alunos, diminuindo as dificuldades que costumam surgir durante esta etapa fundamental para a vida letrada de nossas crianças.

Palavras-chave: alfabetização; aprendizagem e musicalização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: A ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL	11
CAPÍTULO 2: A MÚSICA E SEUS BENEFÍCIOS	19
CAPÍTULO 3: A MÚSICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

A alfabetização sempre foi motivo de interesse para mim. Ao ter a oportunidade de trabalhar com crianças na fase da alfabetização, comecei a me questionar o porquê de algumas dessas crianças apresentarem certas dificuldades no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Assim, me interessei em pesquisar o que fazer para auxiliar estas crianças neste processo de uma forma lúdica. Pesquisando, vi que muitas habilidades necessárias para a criança se desenvolver bem no processo da Alfabetização podem ser desenvolvidas através do aprendizado ou envolvimento com a música, que é uma forma lúdica e agradável de trabalhar com as crianças, estimulando o desenvolvimento da percepção auditiva, a memória, o ritmo, a ideia de início, meio e fim, a interação social e conhecimento cultural, além de ampliação de vocabulário, tão necessárias à aprendizagem durante o período da Alfabetização.

Esta pesquisa procurou investigar os diferentes benefícios que o trabalho com a música pode trazer e como estes benefícios podem auxiliar na aprendizagem das crianças, especialmente na fase da alfabetização. Nosso objetivo foi mostrar a contribuição da música no processo da alfabetização, buscando evidenciar que elementos como ludicidade e motivação devem fazer parte do cotidiano das crianças para facilitar-lhes o aprendizado nesta etapa essencial. Sabemos o quanto é difícil para uma criança de cinco ou seis anos fazer esta passagem da Educação infantil para o Ensino Fundamental, pois de um ano para o outro as coisas mudam, a rotina passa a ser mais intensa, com muito mais atribuições escolares, aulas expositivas, onde, muitas vezes, espera-se que as crianças permaneçam caladas e sentadas para não atrapalhar o rendimento da aula. O aprendizado a partir de brincadeiras geralmente diminui bastante e tudo começa a receber um tom de seriedade muito grande para seres ainda tão pequenos.

Com esse estudo procuramos mostrar que esta passagem para a alfabetização pode ser feita de forma mais tranquila e prazerosa, trabalhando-se de forma mais lúdica e animada para que a criança se divirta em sala de aula e tenha satisfação em aprender. A música proporciona, com certeza, momentos de alegria, prazer e descontração entre crianças e professores, que são elementos essenciais neste processo, deixando que a criança participe ativamente, se envolvendo mais e melhor na aprendizagem da leitura e da escrita.

Neste sentido, a monografia está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo trazemos a história da alfabetização no Brasil e analisamos os métodos conhecidos para a alfabetização, observando como cada um funciona. Em seguida, no segundo capítulo,

avaliamos a música e os benefícios que podemos obter com ela. E, finalmente, no terceiro capítulo, procuramos mostrar dados que demonstram o quanto a música pode contribuir na aprendizagem das crianças, desde pequenas e como a música pode atuar como facilitadora do processo de alfabetização de crianças, mostrando como podemos utilizá-la em sala de aula para este fim.

1 - A ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

A leitura e a escrita se constituem como elementos fundamentais para a autonomia de todo cidadão em nosso país, uma vez que a utilizamos em diferentes práticas sociais, seja para garantir direitos ou mesmo para acessar diferentes espaços. Ao longo de nossa história, podemos perceber diferentes definições do que é alfabetizar. Definições estas que estão diretamente ligadas às necessidades sociais, ao que se espera da atuação da população.

Alguns autores como Paulo Freire (1987), Emilia Ferreiro (1999), Magda Soares (2001), nos trazem distintos conceitos de alfabetização. Segundo Soares (2001), alfabetizar é orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, ou seja, é capacitar a criança a decifrar os códigos da leitura e escrita. No entanto, hoje em dia, segundo Soares, não podemos falar de alfabetização sem falar de letramento, visto que é importante que a criança domine não só a codificação e decodificação da escrita, mas também seja capaz de compreender, interpretar e ter pleno domínio das funções da leitura e da escrita e de suas práticas sociais.

A partir de diferentes práticas sociais, o uso da escrita vai ganhando centralidade e saber ler e escrever começa a ser associado à polidez e poder. Assim como não saber ler e escrever também passa a ser associado à marginalidade, à cegueira, a não possibilidade de estar inserido na sociedade. Assim, o processo de alfabetização vai ganhando relevância e podemos identificar momentos distintos das práticas do ensino da leitura e escrita na fase inicial da escolarização de crianças, conhecidos a partir do século XX como alfabetização.

Na tentativa de encontrar uma forma adequada para alfabetizar satisfatoriamente a maioria das crianças do país, acompanhamos no processo histórico da alfabetização que ocorreu no Brasil distintos métodos de alfabetização, que foram mudando de tempos em tempos, tentando suprir as necessidades sociais, suprimir as dificuldades que as crianças encontravam durante o processo e acabar com o analfabetismo no país.

Até o final do Império brasileiro, o ensino carecia de organização e as poucas escolas que existiam eram salas adaptadas em prédios pouco apropriados para este fim, que abrigavam alunos de todas as séries para o estudo das humanidades, numa tentativa de sistematização do processo de ensino. Eram as chamadas aulas régias. Além das precárias condições de funcionamento, o material utilizado também era precário. Iniciava-se o ensino da leitura com as chamadas cartas de “ABC”, que é conhecido como o método de soletração, seguido de leitura e cópia de documentos manuscritos.

Segundo Carvalho (2005), a soletração não buscava dirigir a atenção do aprendiz para os significados do texto, nem formar leitores, pois só trabalhava com palavras soltas. O objetivo maior da soletração era ensinar a combinatória de letras e sons. A leitura propriamente dita ficava para depois. Partindo de unidades simples, as letras, o professor tenta mostrar que quando essas se juntam representam sons, as sílabas, que por sua vez formam palavras. Nem sempre o mecanismo é claro para o aprendiz. Uma queixa comum de alunos que não conseguem se alfabetizar pela soletração é que conhecem as letras, mas não conseguem juntá-las.

É um processo árduo, que não desperta interesse para a leitura e não se preocupa com a questão do letramento. É baseado na associação de estímulos visuais e auditivos, valendo-se da memorização como recurso didático.

Este método, assim como o de silabação e o fônico, são conhecidos como métodos sintéticos (que partem da letra, da relação letra-som, ou da sílaba, para chegar à palavra). Assim iniciavam o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração), ou das famílias silábicas (método da silabação), ou dos sons das letras, os fonemas (método fônico).

O método de silabação não difere muito da soletração. Apresentam-se primeiro as vogais e os ditongos e em seguida, as famílias silábicas (va, ve, vi, vo, vu/ ba, be, bi, bo, bu). Depois apresentam-se algumas frases sem ligação entre si, sem a letra maiúscula no início e sem pontuação, sendo esta, basicamente, a diferença para o método da soletração, que apresentava apenas palavras soltas. Da mesma forma, o método silábico separa os processos de alfabetização e letramento, acreditando que a compreensão da leitura virá depois do processo de decodificação. Outras semelhanças entre os dois métodos são apelo excessivo à memória e não à compreensão e pouca capacidade de motivar os alunos para a leitura e a escrita.

Quanto ao método fônico Carvalho (2005) ressalta:

O professor dirige a atenção da criança para a dimensão sonora da língua, isto é, para o fato de que as palavras, além de terem um ou mais significados, são formadas por sons, denominados fonemas. Fonemas são unidades mínimas de sons da fala, representados na escrita pelas letras do alfabeto. Ensina-se o aluno a produzir oralmente os sons representados pelas letras e a uni-los (ou melhor dizendo, fundi-los) para formar as palavras. Parte-se de palavras curtas, formadas por apenas dois sons representados por duas letras, para depois estudar palavras de três letras ou mais. A ênfase é ensinar a decodificar os sons da língua, na leitura, e a codificá-los, na escrita. (CARVALHO, 2005, p.11).

Alguns autores defendem que os métodos fônicos sofreram uma evolução, tornando-se um método misto, analítico-sintético, uma vez que passou a se preocupar com a compreensão do sentido da leitura passando a utilizar frases ao invés de palavras isoladas. Outros discutem que diante da diversidade linguística presentes em nosso país, a utilização do método fônico ao focar na sonoridade, inevitavelmente vai desrespeitar o falar de parcela da população.

Duas propostas de métodos fônicos bem conhecidas são *A abelhinha* (SILVA, PINHEIRO e CARDOSO, 14.ed., s/d) e *A casinha feliz* (MEIRELES e MEIRELES, 1984). Ambos apresentam uma série de histórias cujos personagens estão associados a letras e sons, propõem associações visuais e auditivas com a forma e os sons das letras e recomendam a utilização de histórias e recursos expressivos de voz, gesticulação, desenho, teatro etc. para despertar o interesse infantil. Giram em torno de histórias contadas oralmente, e o material escrito é rigorosamente controlado para apresentar apenas as palavras cuja decodificação já foi, ou está sendo, ensinada.

Estes métodos sintéticos geralmente se utilizam de cartilhas e seguem uma ordem crescente de dificuldade, apresentando primeiro as vogais e ditongos, seguidas das consoantes v, p, b, f e d, que possuem relação biunívoca entre os fonemas e grafemas, ou seja as letras que apresentam sempre o mesmo som independente da sua posição nas palavras, depois as dificuldades ortográficas, incluindo dígrafos, sílabas travadas (terminadas em consoantes) e as letras que apresentam mais de um som conforme a posição que ocupam na palavra.

Num segundo momento, nos deparamos com métodos do tipo analítico ou globais (que têm como ponto de partida unidades maiores da língua, como o conto, a oração ou a frase). Em 1876 foi publicada em Portugal a *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura*, pelo poeta português João de Deus. A partir de 1880 o “método João de Deus” passou a ser divulgado no Brasil. Diferentemente dos métodos até então utilizados, este método, também chamado de método da palavração, consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras. A fundamentação teórica desses métodos é a psicologia da *gestalt* ou psicologia da forma: a crença segundo a qual a criança tem uma *visão sincrética* (ou *globalizada*) da realidade, ou seja, tende a perceber o todo, o conjunto, antes de captar os detalhes. Passou-se, então, a haver disputas entre os que defendiam o método João de Deus e os que preferiam os métodos sintéticos. Morttati (2012) afirma:

Com essa disputa, funda-se uma nova tradição: o ensino da leitura envolve necessariamente uma questão de método, ou seja, enfatiza-se

o como ensinar metodicamente, relacionado com o que ensinar; o ensino da leitura e escrita é tratado, então, como uma questão de ordem didática subordinada às questões de ordem linguística (da época). (MORTATTI, 2012, p.6).

Nesta época o movimento educacional conhecido como Escola Nova, começava a ser amplamente difundido pela Europa e EUA. Em 1920, este movimento chega ao Brasil trazendo algumas reformas educacionais, incluindo a defesa dos métodos globais. Algumas diretrizes escolanovistas eram: conhecer e respeitar as necessidades e interesses da criança, partir da realidade do aluno e estabelecer relações entre a escola e a vida social. Além disso, defendiam método ativos, onde se aprende fazendo, participação da criança no planejamento do ensino e liberdade para criar. Valorizavam a leitura, as bibliotecas e o gosto pelos livros. Logo surgiram várias modalidades do tipo analítico com resultados heterogêneos. Ao contrário dos métodos sintéticos, a alfabetização deveria começar por unidades amplas como histórias ou frases para chegar ao nível da letra e do som, mas sem perder de vista o texto original e seu significado.

Dentre os vários métodos desenvolvidos baseados nas teorias dos métodos globais podemos destacar alguns que foram praticados em nosso país. Um dos mais antigos é o método de contos que começou a ser aplicado nos Estados Unidos da América no final do século XIX. Explorando o grande prazer das crianças em ouvir histórias, o método consiste em iniciar o ensino da leitura através de pequenas histórias trazidas pelo professor. Recusa-se as cartilhas devido ao seu artificialismo e falta de relação com a realidade das crianças. Após apresentar a história, desmembra-se a mesma em frases que passam a ser reconhecidas e repetidas pelas crianças. Depois as crianças aprendem a reconhecer as palavras, muitas das quais aparecem repetidas vezes no texto para facilitar a memorização. Em seguida, separam-se as palavras em sílabas e formam-se novas palavras a partir das sílabas trabalhadas. A principal queixa deste método era a falta de material didático padronizado, o que fazia com que os professores tivessem que criar textos e materiais didáticos para trabalhar com seus alunos.

Outro método conhecido foi o criado por um dos pioneiros da Escola Nova, Ovide Decroly. O método ideovisual de Decroly foi criado no início do século XX e voltou-se inicialmente às crianças com deficiências visuais, auditivas e com dificuldades de aprendizagem em geral. Ele acreditava que o ensino devia ocorrer por centros de interesse e não por matérias isoladas. No desenvolvimento dos centros de interesse a criança passava pelas três grandes fases de pensamento: observação, associação e expressão. Iniciava-se o ensino com frases que utilizavam o verbo no presente do indicativo ou no imperativo, sugerindo ações que

a criança devia executar mostrando que compreendeu o que estava escrito. Assim, o aluno reconhecia a forma e imagem gráfica da frase, depois aprendia a distinguir as palavras observando semelhanças e diferenças entre elas. Daí partia-se para as sílabas e as letras. Ele também utilizava jogos e materiais como caixinhas com etiquetas que continham algum produto dentro, como açúcar ou café. A criança olhava a etiqueta com a palavra significativa, provava o produto e associava a escrita ao significado. Seu método foi adaptado por educadores de escolas regulares passando a ser utilizado também nestes ambientes, recorrendo a frases retiradas de poesias, parlendas, canções, histórias conhecidas e mesmo produzidas pelas crianças.

Baseado nas ideias de globalização de Decroly, o educador francês Célestin Freinet criou o método Natural Freinet. Este estimulava a escrita de textos livres pelas crianças que eram lidos para os colegas. A turma escolhia os melhores e eles mesmos imprimiam num equipamento manual. Para Freinet, a criança iria ler e escrever com interesse textos relacionados às suas próprias experiências, pressupondo que a criança se familiariza com a escrita por imersão na escrita, interagindo com textos, ouvindo histórias, desenhando e tentando escrever, destacando que a leitura e a escrita possuem um caráter social, um objetivo, que as pessoas utilizam para serem compreendidas e entrar em relação com o outro.

Em 1970, foi criada por um grupo de professores do Laboratório de Currículos da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, a metodologia de base linguística ou psicolinguística que se baseia em conceitos e premissas da Linguística e da Psicologia. Para dar início à alfabetização propriamente dita, a professora escolhe uma ou duas orações produzidas pelas crianças, que devem conter palavras cuidadosamente escolhidas para atender a três critérios:

1. Critério de dificuldade: começar pelo mais fácil em matéria de relações letra-som e de padrões silábicos. As primeiras palavras-chave apresentadas devem ser formadas de fonemas como /b/, /p/, /d/, /v/, e /f/, representados pelas letras b, p, d, v e f, que têm o mesmo som, independentemente da posição na palavra. São os casos em que há uma relação biunívoca entre os fonemas e os grafemas. Quanto ao tipo de sílaba, prioriza-se o padrão silábico universal, constituído de Consoante-Vogal (CV), (como em PA, DA, VA etc.). Os padrões silábicos considerados mais complexos eram trabalhados posteriormente, de maneira gradativa.
2. Critério de alternância entre o fácil e o difícil: o método recomenda que não se deixe para a

etapa final do processo de alfabetização as chamadas *dificuldades ortográficas*. As letras que podem representar mais de um som, conforme o contexto -como S, M, L, X - e sons que podem ser representados por mais de uma letra, devem ser alternadas com aquelas com as correspondências biunívocas, consideradas mais fáceis.

3. Critério de produtividade: selecionar palavras-chave que depois de desmembradas em sílabas permitam formar um bom número de palavras novas.

Outro tipo de método é o da palavração. O mais conhecido é o método Paulo Freire, muito difundido na alfabetização de jovens e adultos. Essa metodologia consiste em destacar algumas palavras-chave, ou palavras geradoras, com a diferença de que neste caso essas palavras são retiradas do universo vocabular dos alunos, que em geral são adultos analfabetos. Devem estar relacionadas com temas geradores de discussão sobre aspectos da vida política e social do Brasil, propiciar a produção de um grande número de palavras novas quando combinadas as sílabas das palavras geradoras e apresentar as combinações básicas dos fonemas e padrões silábicos. Essas palavras são então decompostas em sílabas e são trabalhadas as famílias silábicas dessas sílabas que constituem as palavras. A partir daí, formam-se novas palavras, evoluindo mais tarde para frases e textos.

Outro método também de palavração é o método Natural criado pela professora Heloisa Marinho. É considerado um método misto, conciliando as vantagens dos métodos globais de formar habilidades de leitura inteligentes com as do método fônico, que dirigem a atenção da criança para a dimensão sonora da língua. *“Tudo isso trabalhando estruturas visuais e auditivas, as palavras, dentro de estruturas linguísticas maiores: frases, sentença, história, sempre enquanto e como processo de comunicação de ideias”* (RIZZO e LEGEV, 1990 apud CARVALHO, 2005). Aboliu a cartilha e recomendou que os primeiros exercícios fossem apresentados em folhas soltas, que reunidas formariam o que chamou pré-livro. Criou e adaptou materiais didáticos que tiveram amplo uso como o quadro de pregas, cartões-relâmpago, visor fonético, tabuleiro de sons, trilho, bolsinha de leitura, bloquinho mágico e outros. Enfatizou a importância das atividades diversificadas, lúdicas, criadoras e livres, assim como o manuseio de materiais e objetos.

Sendo assim, podemos observar que todos os métodos, apesar de apresentarem concepções diferentes, utilizam como base mecanismos que exigem a boa utilização da memória e percepções auditivas e visuais. Independente das diversas teorias de aprendizagem que se propõem a explicar como a criança aprende, seja por associação (estímulo-resposta), seja pela ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento (construtivismo) ou ainda pela interação

do sujeito com o objeto do conhecimento intermediado por outros sujeitos (sociointeracionismo) percebe-se que outros fatores são de fundamental importância para que a aprendizagem ocorra. A escolha do método, que também sempre gerou discussão parece ser da mesma forma incompleta para tentar resolver o problema das dificuldades das crianças na alfabetização. Ora, por que tantas crianças ainda apresentam dificuldade em aprender a ler e escrever?

Nos depoimentos de personalidades brasileiras, podemos perceber como viveram o processo de alfabetização. Ana Maria Machado, famosa escritora brasileira de livros infanto-juvenis relata que aprendeu a ler muito cedo, decifrando jornais, com a ajuda esporádica de alguém que ensinava os sons das letras. Ela ia juntando retalhos de informações até que um dia se descobriu lendo. Graciliano Ramos ao falar sobre suas lembranças do processo de alfabetização, relata que estas não foram tão boas. O pai tentou ensiná-lo a força e com uma cartilha velha e feia.

Enfim consegui familiarizar-me com as letras quase todas. Ai me exibiram outras vinte e cinco, diferentes das primeiras e com os mesmos nomes delas. Atordoamento, preguiça, desespero, vontade de acabar-me. Veio terceiro alfabeto, veio quarto, e a confusão se estabeleceu, um horror de quiproquós. Quatro sinais com uma só denominação. Se me habituassem às maiúsculas, deixando as minúsculas para mais tarde, talvez não me embrutecesse. Jogaram-me simultaneamente maldades grandes e pequenas, impressas e manuscritas. Um inferno... (RAMOS, 1953 apud CARVALHO, 2005).

Até que seu pai desistiu e passou a tarefa para sua filha que ensinou o irmão a soletrar, porém ele não compreendia o que lia. Quando, finalmente, foi para a escola encontrou uma professora paciente e boa, que permitia momentos democráticos em que os alunos participavam e davam suas opiniões.

A escritora francesa Françoise Dolto conta que tinha tanto interesse em um determinado livro que se entusiasmou a aprender a ler, porém logo se desencantou com tantos exercícios de soletração. Quando aprendeu a soletrar tudo, ainda não compreendia o que lia. Mais tarde aprendeu a juntar as sílabas que ouvia para decifrar as palavras e compreendê-las.

Para o escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós, que aprendeu a ler com o Livro da Lili, uma cartilha que utilizava método global, a alfabetização traz boas lembranças, ele adorava Lili e dizia ter sido sua primeira namorada.

Podemos perceber com estes depoimentos que o processo de aprendizagem da leitura e

da escrita varia de criança para criança, podendo ser agradável e fácil ou árduo e penoso. Porém, por que para algumas ocorre facilmente e para outras não? Se observarmos bem, veremos que nos relatos em que as crianças aprenderam a ler com tarefas repetitivas de soletração e cópias sem sentido para elas, ocorreu a dificuldade e o desânimo. Para as que tiveram atrativos e foram motivadas por algum fator, ou por gostar das personagens, das histórias ou perceber a função da escrita como nas notícias de jornal, a criança aprendeu a ler rapidamente e de uma forma natural, sem pressão, tendo sido auxiliada e incentivada por terceiros.

Será uma questão de métodos realmente que auxilia uma criança a ler e escrever melhor? Será a forma que ela é levada a aprender? De acordo com estes relatos, não! Sabemos que todos os métodos aqui descritos alcançam o resultado esperado com algumas crianças, mas como afirma Smith (1999 apud CARVALHO, 2005), estudioso da leitura, a partir da perspectiva psicolinguística, todos os métodos, por mais estapafúrdios que pareçam, dão certo com algumas crianças, mas nenhum deles é eficaz com todas.

Para o autor, as condições básicas para aprender a ler são: “(1) a disponibilidade de material interessante que faça sentido para o aluno; (2) a orientação de um leitor mais experiente e compreensivo como um guia”. (SMITH, 1999 apud CARVALHO, 2005). E eu acrescentaria uma terceira condição: o processo precisa ser realizado de forma lúdica, despertando motivação e interesse pela leitura e escrita. O que utilizar na sala de aula então para tornar o aprendizado mais agradável, fazê-lo fluir e ajudar as crianças a se sentirem motivadas? Como tornar esta aprendizagem interessante e leve?

Eis o que este estudo procura demonstrar: a música pode ser um elemento facilitador da aprendizagem durante este processo da aprendizagem da língua escrita, proporcionando momentos de ludicidade, tranquilidade e inspiração, dentre outras características.

2. A MÚSICA E SEUS BENEFÍCIOS

Você já parou para pensar quantas vezes você está em contato com a música durante o dia? Se prestarmos atenção, veremos que a música está muito mais presente do que imaginamos. Seja aguardando atendimento num consultório, em festas, academias ou até mesmo na espera de uma ligação telefônica ouvimos algum tipo de música. Por que será?

Com certeza a música tem várias utilidades, pois ela está presente em ocasiões distintas. Para nos exercitarmos ouvimos um tipo de música mais agitado, para relaxar ouvimos músicas calmas, para distrair ouvimos ritmos diversos e assim por diante. Além de servir para distração não podemos negar que cada tipo de música tem um efeito sobre as pessoas e, por isso, são tão utilizadas em tantas ocasiões, como em comerciais, programas infantis, para memorização de informações, louvores e até para curar enfermidades. Sendo assim, a música oferece resultados benéficos em campos distintos, mesmo que não percebamos, o que explica o fato dela ser tão utilizada.

A música é uma linguagem universal, está presente em todas as civilizações do planeta de alguma forma e tem efeito sobre qualquer pessoa, mesmo que a letra da música não seja compreendida, sua melodia transmite emoções que, muitas vezes, não sabemos como verbalizar. Ela existe desde a época dos neandertais, conforme estudos antropológicos e era usada em rituais como nascimento, morte, casamento, dentre outros.

Na Antiguidade, Pitágoras de Samos, filósofo grego, ensinava como determinados acordes musicais e certas melodias criavam reações definidas no organismo humano. *“Pitágoras demonstrou que a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura”* (BRÉSCIA, 2003, p. 31).

A utilização da música em diferentes espaços/tempos nos mostra seu potencial para mexer com sentimentos humanos. De um modo geral, a música é considerada ciência e arte, na medida em que as relações entre os elementos musicais são relações matemáticas e físicas; a arte manifesta-se pela escolha dos arranjos e combinações.

Para Ian Cross, diretor do Centro para Música e Ciência da Universidade de Cambridge, a música também é capaz de ativar capacidades como a memória e talvez até mesmo a inteligência. Para a função da memória podemos facilmente identificá-la no nosso dia a dia. Os jingles comerciais e propagandas políticas, por exemplo, são grandes provas disso.

Quem não se lembra das campanhas políticas de 1989 de Lula com o “Lula-lá” ou do Afif, “Juntos chegaremos lá, ...”, ou ainda de jingles comerciais como as vinhetas de fim de ano da Rede Globo de televisão “Hoje a festa é sua...”, o famoso comercial de Natal, nos anos 80, do Banco Nacional “Quero ver você não chorar, nem olhar pra trás, ...” e o da empresa de brinquedos Estrela na época da comemoração do dia das crianças, também nos anos 80, “A Estrela é nossa companheira, nossa brincadeira, nossa diversão, ...”?

São músicas que ficaram em nossas memórias por décadas e que jamais esqueceremos. Não é à toa que este recurso é tão utilizado no marketing, além de “colar como chiclete em nossas memórias”, ainda trazem a questão da emoção que despertam, tanto na época que é exibido, atingindo seu determinado fim, como quando lembramos e ouvimos novamente estas músicas depois de anos, nos remetendo a momentos vividos, nos trazendo sentimentos de nostalgia e saudades de épocas que já passaram. Podemos observar também que, atualmente, quase todos os programas voltados para crianças pequenas, principalmente os que se dizem educativos, apresentam, como um dos eixos principais, a música.

No universo infantil, o programa atual mais popular é “O show da Luna” exibido no canal da televisão a cabo, *Discovery Kids*. O programa apresenta a protagonista cantando músicas sobre diversos assuntos voltados para a aprendizagem do mundo infantil, musiquinhas que as crianças aprendem rapidamente e repetem o tempo todo, fixando as informações contidas ali. A fórmula se propagou tanto que temos diversos programas neste estilo, “Barney”, “A galinha pintadinha”, “O Sítio do seu Lobato”, dentre vários outros. Para fixar alguma informação, nada melhor do que musicá-la. Essa faceta da música parece ter sido útil para a transmissão da cultura na pré-história, quando ainda não dominávamos a escrita.

Quanto ao quesito do impacto na inteligência, podemos citar uma experiência famosa que ficou conhecida como o “efeito Mozart”. Em 1993, o neurocientista Fran Rauscher, da Universidade de Wisconsin, e o neurologista Gordon Shaw, da Universidade da Califórnia, mostraram que crianças apresentavam desempenho matemático melhor após ouvir sonatas do compositor austríaco. O que parece fazer mais sentido, no entanto, para algumas pessoas é quanto a possíveis benefícios relacionados ao aprendizado de música, que induz ao prolongamento dos neurônios e aumento das conexões entre eles. Os cérebros dos músicos, inclusive, acabam apresentando uma massa maior de neurônios, o que sugere maior inteligência, segundo pesquisas publicadas no *Journal of Neuroscience*, renomado jornal de neurociência da Universidade americana de Stanford.

No tocante à inteligência, não podemos deixar de citar as contribuições de Howard Gardner (1995) e sua teoria das inteligências múltiplas. Ele defende uma visão pluralista da mente, identificando muitas facetas diferentes e separadas da cognição, reconhecendo que os indivíduos têm forças cognitivas diferenciadas e estilos cognitivos contrastantes. Gardner questiona a visão unitária de inteligência e o conceito de QI (coeficiente de inteligência) e define inteligência como sendo “*a capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais comunitários*” (GARDNER, 1995, p.14). A partir daí ele listou 7 tipos de inteligências que localizou em seus estudos - linguística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal-cinestésica, interpessoal e intrapessoal - mostrando a pluralidade do intelecto.

Para Gardner todos as pessoas normais possuem cada uma dessas inteligências em alguma medida. Elas se diferem no grau de capacidade e na natureza da combinação entre elas e sempre funcionam de forma combinada. Há um vínculo biológico nestas inteligências, fazendo com que cada um tenha algumas dessas inteligências mais desenvolvidas do que outras, variando de indivíduo para indivíduo. Porém, esta tendência biológica precisa ser estimulada culturalmente para que se desenvolva neste domínio. Sendo assim, inferimos que algumas pessoas têm mais inteligência musical que outras, mas todas possuem, em algum grau, uma inteligência musical, ou seja, uma capacidade voltada para este tipo de inteligência, podendo ser desenvolvida culturalmente.

Uma vez que a música é uma linguagem universal e está presente em todas as culturas do mundo, é fácil de manter qualquer pessoa em contato com estímulos musicais para que esta capacidade se desenvolva em cada um, de acordo com os fatores biológicos que cada pessoa traz em si. Então a aprendizagem através da música ocorre de alguma forma e em algum grau em todos os indivíduos.

Já vimos quantos benefícios a música é capaz de proporcionar ao ser humano. Dentre estes benefícios, muitos podem auxiliar no processo de aprendizagem da criança desde pequenas, ainda no início da escolarização. Já na Educação Infantil, fase que antecede o ensino da aprendizagem da leitura e escrita propriamente dita, vemos que é comum utilizarem técnicas de musicalização associadas ao ensino nas pré-escolas. Isso porque entende-se que a música facilita o processo de aprendizagem das crianças em muitos sentidos.

Para Barreto e Chiarelli:

A musicalização pode contribuir com a aprendizagem, evoluindo o desenvolvimento social, afetivo, cognitivo, linguístico e psicomotor da criança. A música não só fornece uma experiência estética, mas também facilita o processo de aprendizagem, como instrumento para tornar a escola um lugar mais alegre e receptivo, até mesmo porque a música é um bem cultural e faz com que o aluno se torne mais crítico.
BARRETO e CHIARELLI (2011, p.1)

A música é uma linguagem de expressão que contribui na formação global da criança, além de estimular o equilíbrio, a criatividade, a sensibilidade e a autoestima. Não é à toa que no Brasil ela foi incluída na Lei de Diretrizes e Bases Nacional (LDBN) de número 9394 de 1996 (BRASIL,1996), como disciplina obrigatória nas escolas públicas e particulares.

Para Delalande (apud PIRES, 2005) a criança desde pequena já tem contato com sons diversos e eles se manifestam de diversas maneiras, através de palmas e toques em brinquedos. São movimentos que vão se repetindo e transformando conforme os sons do ambiente ou sensações. Um ambiente com a presença de música no seu cotidiano faz com que as crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. A música dentro do contexto educacional deve ter enfoque lúdico, sem contanto assumir características somente de recreio. Gainza (1988) nos diz que nas aulas de música, a criança deverá ter múltiplas oportunidades para expressar-se livremente, para apreciar e aprender dentro de um macro de ampla liberdade criadora. Uma criança criativa raciocina melhor e inventa meios de resolver suas próprias dificuldades.

Pode-se dizer que a música desenvolve a linguagem e o pensamento, dando condições para a criança descobrir os sons que estão a sua volta e os que ela pode criar, e através desses, criar novas maneiras de se expressar e se comunicar com as pessoas que estão ao seu redor. O ambiente sonoro, o contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical, em diferentes e variadas situações do cotidiano, desde os primeiros anos de vida, é importante ponto de partida para o processo de musicalização.

Para Bréscia (2003) a musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação.

As atividades de musicalização permitem que a criança conheça melhor a si mesma, desenvolvendo sua noção de esquema corporal, e também permitem a comunicação com o outro. Weigel (1988) e Barreto (2000) afirmam que essas atividades podem contribuir de maneira indelével como reforço no desenvolvimento cognitivo/linguístico, psicomotor e sócio afetivo da criança. Com relação ao desenvolvimento cognitivo/linguístico, a fonte de conhecimento da criança são as situações que ela tem oportunidade de experimentar em seu dia a dia. Dessa forma, quanto maior a riqueza de estímulos que ela receber melhor será seu desenvolvimento intelectual.

Nesse sentido, as experiências rítmico-musicais que permitem uma participação ativa (vendo, ouvindo, tocando) favorecem o desenvolvimento dos sentidos das crianças. Ao trabalhar com os sons elas desenvolvem sua acuidade auditiva; ao acompanhar gestos ou dançar elas estão trabalhando a coordenação motora e a atenção; ao cantar ou imitar sons elas estão descobrindo suas capacidades e estabelecendo relações com o ambiente em que vivem.

Já no que diz respeito ao desenvolvimento psicomotor, as atividades musicais oferecem inúmeras oportunidades para que a criança aprimore sua habilidade motora, aprenda a controlar seus músculos e mova-se com desenvoltura. O ritmo tem um papel importante na formação e equilíbrio do sistema nervoso. Isto porque toda expressão musical ativa age sobre a mente, favorecendo a descarga emocional, a reação motora e aliviando as tensões. Qualquer movimento adaptado a um ritmo é resultado de um conjunto completo (e complexo) de atividades coordenadas. Por isso atividades como cantar fazendo gestos, dançar, bater palmas, pés, são experiências importantes para a criança, pois elas permitem que se desenvolva o senso rítmico e a coordenação motora, fatores importantes também para o processo de aquisição da leitura e da escrita.

No desenvolvimento sócio afetivo, a criança aos poucos vai formando sua identidade, percebendo-se diferente dos outros e ao mesmo tempo buscando integrar-se com os outros. Nesse processo a autoestima e a auto realização desempenham um papel muito importante. Através do desenvolvimento da autoestima ela aprende a se aceitar como é, com suas capacidades e limitações. As atividades musicais coletivas favorecem o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação. Dessa forma a criança vai desenvolvendo o conceito de grupo. Além disso, ao expressar-se musicalmente em atividades que lhe deem prazer, ela demonstra seus sentimentos, libera suas emoções, desenvolvendo um sentimento de segurança e auto realização.

É importante salientar a importância de se desenvolver a escuta sensível e ativa nas crianças. Mársico (1982) comenta que nos dias atuais as possibilidades de desenvolvimento auditivo se tornam cada vez mais reduzidas. As principais causas são o predomínio dos estímulos visuais sobre os auditivos e o excesso de ruídos com que estamos habituados a conviver. Por isso é fundamental fazer uso de atividades de musicalização que explorem o universo sonoro, levando as crianças a ouvir com atenção, analisando, comparando os sons e buscando identificar as diferentes fontes sonoras. Isso irá desenvolver sua capacidade auditiva, exercitar a atenção, concentração e a capacidade de análise e seleção de sons.

Algumas atividades de exploração sonora podem ser realizadas com as crianças para que ela desenvolva essa capacidade auditiva. Pode-se pedir que fiquem em silêncio para observarem os sons ao seu redor e depois imitá-los, ou tentar descobrir de onde estão vindo e o que está emitindo aquele determinado som. Pode-se levar objetos e pedir que cada criança descubra que objeto emite determinado som, ou ainda de que é feito aquele objeto (metal, vidro, plástico), analisando-o apenas pela escuta, com os olhos fechados.

Brincadeiras comuns em sala de aula são as que o professor fecha os olhos de um aluno e pede para que outro aluno emita algum som e depois, a criança que está com os olhos fechados tem que descobrir qual amigo emitiu aquele som. Através dessas atividades o educador pode perceber quais os pontos fortes e fracos das crianças, principalmente quanto à capacidade de memória auditiva, observação, discriminação e reconhecimento dos sons, podendo assim vir a trabalhar melhor o que está defasado.

Bréscia (2003) ressalta que os jogos musicais podem ser de três tipos, correspondentes às fases do desenvolvimento infantil:

Sensório-Motor (até os dois anos): São atividades que relacionam o som e o gesto. A criança pode fazer gestos para produzir sons e expressar-se corporalmente para representar o que ouve ou canta. Favorecem o desenvolvimento da motricidade.

Simbólico (a partir dos dois anos): Aqui se busca representar o significado da música, o sentimento, a expressão. O som tem função de ilustração, de sonoplastia. Contribuem para o desenvolvimento da linguagem.

Analítico ou de Regras (a partir dos quatro anos): São jogos que envolvem a estrutura da música, onde são necessárias a socialização e organização. Ela precisa escutar a si mesma e aos

outros, esperando sua vez de cantar ou tocar. Ajudam no desenvolvimento do sentido de organização e disciplina.

Para o autor, a atividade de canto também traz benefícios para a aprendizagem. Bréscia (2003) afirma que cantar pode ser um excelente companheiro de aprendizagem, contribui com a socialização, na aprendizagem de conceitos e descoberta do mundo. Tanto no ensino das matérias quanto nos recreios cantar pode ser um veículo de compreensão, memorização ou expressão das emoções. Além disso, o canto também pode ser utilizado como instrumento para pessoas aprenderem a lidar com a agressividade e ajuda a relaxar. Barreto observa que:

O relaxamento depende da concentração e por isso só já possui um grande alcance na educação de crianças dispersivas, na reeducação de crianças ditas hiperativas e na terapia de pessoas ansiosas. Crianças com problemas de adaptação geralmente apresentam respiração curta e pela boca, o que dificulta a atenção concentrada, já que esta depende do controle respiratório. BARRETO (2000, p. 109)

As atividades relacionadas à música também servem de estímulo para crianças com dificuldades de aprendizagem e contribuem para a inclusão de crianças com necessidades especiais. As atividades de musicalização, por exemplo, servem como estímulo a realização e o controle de movimentos específicos, contribuem na organização do pensamento, e as atividades em grupo favorecem a cooperação e a comunicação. Além disso, a criança fica envolvida numa atividade cujo objetivo é ela mesma, onde o importante é o fazer, participar, não existe cobrança de rendimento, sua forma de expressão é respeitada, sua ação é valorizada, e através do sentimento de realização ela desenvolve a autoestima. Afirma-se que:

Crianças mentalmente deficientes e autistas geralmente reagem à música, quando tudo o mais falhou. A música é um veículo expressivo para o alívio da tensão emocional, superando dificuldades de fala e de linguagem. A terapia musical foi usada para melhorar a coordenação motora nos casos de paralisia cerebral e distrofia muscular. Também é usada para ensinar controle de respiração e da dicção nos casos em que existe distúrbio da fala. Sadie apud BRÉSCIA (2003, p.50).

Assim, percebemos o quanto a música pode contribuir na aprendizagem e desenvolvimento das crianças desde os primeiros anos de vida delas. Pode-se utilizar esta ferramenta para desenvolver habilidades necessárias de percepção, atenção e sensibilidade. Essas habilidades serão importantíssimas e fundamentais quando estas crianças atingirem a fase

da alfabetização e muito contribuirá para auxiliar no aprendizado da leitura e da escrita, ajudando a superar dificuldades, tornando esta aprendizagem mais agradável e motivadora e facilitando este processo para as crianças e professores.

Segundo Soares (2001), a criança aprende a escrever agindo e interagindo com a língua escrita, experimentando escrever, fazendo o uso de seus conhecimentos prévios sobre a escrita, levantando e testando hipóteses sobre a correspondência entre a oralidade e a escrita. Observa-se que, antes da utilização da linguagem de maneira mais estruturada, as crianças interpretam o comportamento dos outros e respondem a eles, fazendo parte de interações que implicam reciprocidade. O fato de responderem com gestos, sons ou ações aquilo que a família ou os professores lhes propõem, permite supor que estão formando estruturas de êxitos, com base em representações ou esquemas mentais.

Tais estruturas desempenham um papel crucial no desenvolvimento linguístico e cognitivo. Com efeito, a representação de êxitos, que derivam de representações perceptivas, constitui a origem dos conceitos e a base da aprendizagem das palavras. A partir disso as crianças que são estimuladas podem aprender a escrever com mais facilidade.

Estudos demonstram que a música, através de ritmos e melodias, atua no sujeito, favorecendo os aspectos cognitivos e criativos do indivíduo, possibilitando a aprendizagem na leitura e na produção de textos, ou seja, a música constitui um excelente recurso estimulador para o desenvolvimento da leitura e das hipóteses da escrita. Acredita-se que a música poderá influenciar positivamente no desenvolvimento da escrita, aproximando o sujeito de seu objeto de conhecimento, de maneira diferente da situação formal de alfabetização escolar, (AVELLAR, 1995).

Neste sentido, a música além de ser uma forma de conhecimento que possibilita modos de percepção e expressão únicas, atendendo diferentes aspectos do desenvolvimento humano- como o aspecto social, físico, mental, intelectual, emocional e espiritual- pode também trazer grandes benefícios para o ser humano e contribuir na aprendizagem das crianças, principalmente no que se refere ao aprendizado da língua escrita no processo de alfabetização como veremos no próximo capítulo.

3. A MÚSICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O trabalho com a música no processo de alfabetização pode ser bastante explorado, utilizando-as para apresentar os fonemas das letras e ajudar o aluno a reconhecê-los nas palavras cantadas, em que aparecem, muitas vezes, em músicas conhecidas da nossa cultura, aliterações (sílabas que se repetem no início de uma série de palavras) e rimas, facilitando a memorização e desenvolvendo a consciência fonológica, que é fundamental para que ocorra a alfabetização. Os brinquedos cantados são ótimos para serem utilizados como ferramenta neste processo durante as aulas.

A consciência fonológica foi definida por Rivière (2001 apud CARVALHO, 2005) como “*a capacidade de distinguir e manipular os sons constitutivos da língua. A consciência fonológica existe, de maneira mais ou menos grosseira, antes do aprendizado da leitura e se reforça ao longo dos diferentes tempos desta aquisição.*” Não é uma capacidade que se encontra desenvolvida em todas as crianças e é apontada em pesquisas como um fator decisivo na alfabetização. A consciência fonológica pode ser desenvolvida através de exercícios ajudando na aprendizagem da leitura e escrita. Saber reconhecer o número de sílabas de uma palavra, reconhecer rimas e aliterações são indicadores do grau de consciência fonológica de uma criança. A habilidade de perceber os fonemas nas palavras é chamada de consciência fonêmica, que é uma particularidade da consciência fonológica. Cada palavra falada é formada por uma série de fonemas, representados na escrita pelas letras do alfabeto, e a percepção destes também é desenvolvida no processo de alfabetização. É a consciência fonêmica que permite perceber que a falta, o acréscimo ou a troca de um desses segmentos numa palavra falada, muda o seu significado. Acredita-se que a consciência fonêmica é o fator isolado que facilita a aprendizagem da leitura e da escrita.

Há estudos (CARDOSO-MARTINS, 1991; LAMPRECHT, 2004, CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2002) que apontam para o fato que os processos de conscientização fonológica e de construção de conhecimentos sobre a leitura e a escrita são recíprocos, fortalecendo-se mutuamente.

Os estágios iniciais de consciência fonológica (por exemplo a consciência de rimas e sílabas) contribuem para os estágios iniciais do processo de leitura. Por sua vez, as habilidades desenvolvidas na leitura contribuem para o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica mais complexas, tais como a manipulação e a transposição fonêmica. (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2002)

Como vimos no primeiro capítulo, a alfabetização pode partir de partes ou do todo, mas terá, de qualquer forma, que chegar ao desenvolvimento da consciência fonológica e fonêmica para que a alfabetização ocorra efetivamente. Conhecer os princípios do sistema de escrita alfabética também é um fator facilitador na alfabetização. O aluno que sabe que temos 26 letras e que estas correspondem a entidades fonológicas, sabendo segmentar as palavras em fonemas, procurando os grafemas correspondentes, descobriu um princípio fundamental do sistema de escrita alfabética.

Quem já tentou ensinar alguém a ler e escrever certamente teve a experiência de testemunhar um salto repentino no progresso do aprendiz. Há um momento em que parece ocorrer um verdadeiro estalo, após o que a pessoa faz rápidos progressos. Que estalo será esse? A suposição mais plausível é que o estalo ocorre quando o aprendiz capta a ideia de que cada letra é símbolo de um som e que cada som é simbolizado por uma letra. Uma vez agarrada a ideia, o problema reduz-se a lembrar que figura de letra corresponde a que tipo de som da fala. (LEMLE, 1999)

Alguns teóricos acreditam que a utilização do método fônico ainda é a melhor opção, pois ajuda a desenvolver a consciência fonológica, ressaltando a dimensão sonora da língua e a capacidade do leitor para decompor os sons que formam as palavras. Sendo assim, irei escolher o método fônico dentre os métodos considerados sintéticos, para apresentar, a seguir, algumas propostas de atividades com músicas que podem ser utilizadas em uma sala de aula de alfabetização.

Os métodos fônicos têm uma particularidade de irem apresentando os fonemas de uma forma controlada, sistematicamente, numa ordem preestabelecida. Então só se trabalham com os fonemas que estão sendo estudados naquele momento, deixando os outros que faltam para uma próxima lição. Assim, aos poucos vão aprendendo os sons das letras, iniciando-se pelas vogais, depois grupos de consoantes vão sendo introduzidas, trabalhando-se as aglutinações de consoante e vogal, e mais tarde ampliando-se para outras formações como vogal e consoante, duas consoantes e vogal e duas consoantes e duas vogais.

Para a fase inicial, pode-se escolher uma música que apresente palavras com formação das sílabas da forma mais fácil e simples, que são as primeiras trabalhadas, com aglutinação de vogais e palavras formadas por consoante seguida de vogal, como ma, pe, li, vo, tu, tão, etc.

Por exemplo, vamos escolher uma cantiga popular utilizada em brincadeiras pelas crianças:

“ Corre cutia, na casa da tia

Corre cipó, na casa da avó

Lencinho na mão, caiu no chão

Moça bonita do meu coração. ” (Cantiga popular)

A professora pode trazer a brincadeira para a sala e realizá-la com as crianças, numa roda. Depois de brincarem um pouco, a professora apresenta as palavras que já podem ser trabalhadas com a turma e as escreve no quadro, realizando a leitura com as crianças e reforçando o som que cada fonema faz. As palavras em negrito seriam as escolhidas para o trabalho com as crianças, num momento em que todas essas consoantes já tivessem sido trabalhadas com a turma. A leitura é reforçada fonema por fonema, fazendo as aglutinações com as vogais, formando as sílabas, para que a criança registre o som que cada letra representa.

A partir daí muitas outras atividades podem ser desenvolvidas utilizando a música que foi apresentada. Pode-se pedir que a criança copie as palavras no caderno, representando-as através de desenhos para mostrar que ela sabe o significado de cada uma, pedir que as crianças observem quais os sons que se repetem, apontando onde estão e quais são as palavras que rimam, citar outras palavras que comecem com o mesmo som das palavras estudadas, citar outras palavras que rimem com as palavras citadas, dentre inúmeras outras possibilidades.

Outras músicas conhecidas das crianças podem ser trabalhadas ao longo das aulas, servindo não só para trabalhar a cultura das músicas populares, mas também facilitar a aprendizagem, motivando-as e animando as aulas, permitindo que participem ativamente. Músicas como: Cai cai balão, A barata diz que tem, O sapo não lava o pé e Sapo Cururu são só mais alguns exemplos que podem ser usados nesta fase mais inicial da alfabetização.

Numa fase mais avançada, onde as crianças já começam a aprender os dígrafos e as formações mais complexas, as opções crescem ainda mais, pois podemos utilizar músicas com outras palavras, sem se preocupar tanto com a formação de cada uma. Há muitas músicas para esta fase da alfabetização que apresentam rimas e aliterações:

“ *Casa torta*

Quem mora na casa torta

Sem janelinha e sem porta

Quem mora na casa torta

Sem janelinha e sem porta

O gato que usa sapato

E tem retrato no quarto

A florzinha que dança de sainha

O botão que toca violão
O elefante com rabinho de barbante
E o pente com dor de dente. ” (Cantiga popular)

Nesta canção podemos observar que há muitas palavras com formações de sílabas de vogal seguida de consoante, por exemplo. Também se trabalha bastante a questão da rima. Com criatividade e conhecimento, a professora pode, a partir das canções que trouxer, trabalhar o que desejar com a turma, seja na questão sonora, seja gramática, vocabulário, interpretação e o que mais ela desejar, ampliando também para as questões de Matemática, Ciências, História, Geografia, Arte, dentre outras.

Agora, vejamos algumas ideias para se trabalhar com o método global, bastante utilizado atualmente nas escolas. Neste método o professor pode utilizar como texto as letras das músicas que resolver trabalhar. Pode assim introduzir o tema de sua aula, através de músicas conhecidas pelas crianças, abrindo discussões sobre o assunto, deixando que as crianças se manifestem e participem. As próprias crianças, podem, com o tempo, ir trazendo sugestões de músicas para utilizarem nas aulas, ampliando o interesse e a participação delas no processo.

Como este método não tem restrições das aparições das palavras segundo sua complexidade, pode-se escolher qualquer música apropriada e significativa para as crianças, que tragam o tema que o professor deseja desenvolver. Uma vez que as crianças já conhecem o texto, se torna mais fácil fazer as associações entre a oralidade do texto e a escrita, sendo devidamente apresentada pelos professores de forma que a criança possa perceber cada palavra escrita enquanto a mesma é cantada ou lida pelo professor, que deverá ir apontando cada palavra para que a criança vá percebendo a sonoridade e reconhecendo cada palavra apresentada, facilitando sua memorização.

Ainda utilizando as canções populares trarei um exemplo:

“ Mestre André
Foi na loja do Mestre André
Que eu comprei um piparito
Tiro liro li, um piparito
Ai olé, ai olê
Foi na loja do Mestre André
Ai olé, ai olê
Foi na loja do Mestre André

*Foi na loja do Mestre André
Que eu comprei um pianinho
Plim plim plim, um pianinho
Tiro liro li, um piparito
Ai olé, ai olê
Foi na loja do Mestre André
Ai olé, ai olê
Foi na loja do Mestre André*

*Foi na loja do Mestre André
Que eu comprei um tamborzinho
Tum tum tum, um tamborzinho
Plim plim plim, um pianinho
Tiro liro li, um piparito
Ai olé, ai olê
Foi na loja do Mestre André
Ai olé, ai olê
Foi na loja do Mestre André*

*Foi na loja do Mestre André
Que eu comprei um rabecão
Zum zum zum, um rabecão
Tum tum tum, um tamborzinho
Plim plim plim, um pianinho
Tiro liro li, um piparito
Ai olé, ai olê
Foi na loja do Mestre André
Ai olé, ai olê
Foi na loja do Mestre André ” (Cantiga popular)*

Como podemos observar, se trata de um brinquedo cantado. A professora pode apresentar a brincadeira para as crianças em que uma criança cantará a primeira parte, seguida pelo refrão em que a turma toda cantará, em seguida, outra criança cantará a próxima estrofe, repetindo o verso do instrumento que a criança anterior falou, em seguida a turma canta o refrão

e então, mais uma criança canta a próxima parte e por aí vai até o final, podendo inclusive, permitir que cada criança participe da construção da música inventando que instrumento e som irá cantar na sua vez. É um exercício divertido que explora a memória e a atenção das crianças, recursos muito necessários neste método, pois as crianças decoram o que é lido com elas, para aprender como são formadas as palavras, para só num outro momento analisarem o som de cada fonema individualmente.

Neste método é apresentado o texto às crianças e a partir deste retira-se as frases ou palavras que se deseja trabalhar. Vamos supor que a professora esteja trabalhando dígrafos, ela irá retirar da canção-texto as palavras que contêm dígrafos: pianinho, tamborzinho e irá trabalhá-las com as crianças até que se chegue ao som de cada letra.

Esta música permite que se realize diversas atividades com as crianças, por exemplo, podemos trabalhar os diminutivos; as rimas; ensinar os instrumentos musicais, montando cada um com sucatas e observando o som que cada um faz, aprimorando a acuidade auditiva; após decorar a música, escrever uma parte dela no caderno, sem auxílio do recurso visual do texto; dentre uma gama imensa de atividades que podem surgir a partir da música.

Assim, podemos perceber que seja qual for o método escolhido pelo professor para ensinar seus alunos a ler e escrever, ele pode utilizar um recurso rico e completo, que é a música, para facilitar a aprendizagem das crianças, motivando-as, trabalhando em um ambiente alegre e inspirador que permite que a criança se sinta ainda criança e tenha desejo de aprender.

Percebemos o quanto a música pode e deve estar presente nas salas de aula da alfabetização, pois esta auxilia de todas as formas necessárias e ajuda a desenvolver o aprendizado da leitura e da escrita, agindo como grande facilitadora neste processo que pode ser muitas vezes cansativo e desestimulante para algumas crianças. O trabalho com a música irá auxiliar não só no desenvolvimento de habilidades motoras, como também será ponto de partida de temas e assuntos relacionados às matérias trabalhadas com as crianças em sala, além de desenvolver a consciência fonológica, a auto estima, a concentração, a memória, a acuidade auditiva, o respeito ao outro, auxiliando na participação de cada um em sala e tornando as crianças mais ativas no seu processo de alfabetização. As crianças que recebem estímulos musicais adequados aprendem a ler e a escrever com mais facilidade e apresentam maior equilíbrio emocional, contribuindo para a formação integral de cada criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o estudo realizado, podemos observar que a música oferece inúmeras possibilidades de estimulação da criança, contribuindo de várias formas para o seu desenvolvimento integral. Seja na questão motora, intelectual, psíquica ou emocional, a música pode trazer benefícios que irão estimular o desenvolvimento nestas áreas.

No processo da alfabetização, onde constatamos que são necessárias a memória visual e auditiva, a acuidade e percepções auditivas, a coordenação motora, a noção de consciência fonológica e o raciocínio lógico, vimos que a música pode contribuir tanto para desenvolver estas habilidades, quanto como recursos de aulas, servindo como textos e ideias a serem trabalhados.

A importância do lúdico, da alegria e da motivação durante a aprendizagem da leitura e da escrita também foram observados e, mais uma vez, a música ganha pontos positivos, podendo ser utilizada para proporcionar momentos de descontração e relaxamento, ao mesmo tempo que ajuda a despertar o interesse das crianças pelas atividades.

Talvez o único ponto negativo que a música possa trazer não é ocasionado pela música em si, mas sim pela forma errônea pela qual o professor possa utilizá-la em sala de aula. Ao invés de usá-la sabiamente como recurso de aula, alguns podem fazê-lo apenas como atividades de recreação, ou banalizando sua utilização para fins como música da hora da roda, música da hora do lanche ou algo parecido, desprezando o rico papel que a música pode ter com relação à aprendizagem de uma forma geral.

Sendo assim, é incontestável que a música se apresenta como um grande recurso lúdico, motivador e didático para o trabalho com crianças, ajudando-as a desenvolver habilidades necessárias para o seu desenvolvimento como ser humano. Podemos, então, afirmar que a música assume um papel importante como facilitadora da aprendizagem de forma geral, podendo ser grande aliada dos professores no processo da alfabetização, ajudando a tornar as aulas mais agradáveis e interessantes para seus alunos, estimulando-os na aprendizagem e fazendo com que esta ocorra de forma sutil e sem grandes traumas, diminuindo o estresse, a ansiedade e as dificuldades tantas vezes encontradas por crianças nesta fase da vida.

Esperamos, desta forma, contribuir para que o processo de alfabetização das crianças possa ser repensado, levando-se em conta o indivíduo integral, lembrando que são crianças e que o processo lúdico deve fazer parte da aprendizagem, estimulando-os e tornando o ambiente

mais alegre e propício para este fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELLAR, Rosa Maria Gentil de. **O Desafio de continuar a alfabetização**. São Paulo: JM Editora, 1995.

BARRETO, Sidirley de Jesus. **Psicomotricidade: educação e reeducação**. Blumenau: Acadêmica, 2000.

BARRETO, Sidirley de Jesus; CHIARELLI, Ligia. Karina M. **A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental – A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser**. Blumenau: Acadêmica, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB Lei n.9.394/96. Brasília: DF, MEC/SEF, 1996.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; Capovilla Fernando C. **Alfabetização: Método fônico**. São Paulo, SP: Memnon Edições Científicas, 2002.

CARVALHO, Marlene. **Revistando os métodos de alfabetização, in: Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. São Paulo. Summus, 1988.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LAMPRECHT, Regina Ritter (org). **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed 2004.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo, SP: Editora Ática, 1999.

LIMA, Sandra Vaz de. **A Importância da Música no Desenvolvimento Infantil**. *Artigonal – Diretório de Artigos Gratuitos*. 2010.

MÁRSICO, Leda Osório. **A criança e a música: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil in: Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. Porto Alegre, RS. Unesp, 2012.

PIRES, Maria Cristina de Campos. **O som como linguagem e manifestação da primeira infância.** CENPEQ, 2006.

Publicados Brasil, disponível em: <http://publicadosbrasil.blogspot.com.br/2010/11/para-que-serve-musica-musicoterapia.html>, em 12/03/2016.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves. **Brincando de Música: Experiências com Sons, Ritmos, Música e Movimentos na Pré-Escola.** Porto Alegre: Kuarup, 1988.